

## O PAPEL DA “RALÉ” [MOB] NA PERSPECTIVA ARENDTIANA

José Luiz de Oliveira<sup>1</sup>

**RESUMO:** Os termo “ralé” possuem significados que incluem o sentimento de ódio. Engendrada no interior do imperialismo e admitida como subproduto da burguesia, a “ralé” possuía a pretensão de poder que aspirava o abandono da democracia. Na perspectiva arendtiana, a aliança do capital com a “ralé” é vista como algo que traz à tona o problema do racismo. É importante tratar da dimensão racista dos movimentos impulsionados pela ralé. Daí, a relevância que o antissemitismo teve diante da oposição da “ralé” e o papel por ela desempenhado na ascensão do movimento totalitário.

**Palavras chave:** Imperialismo. Ralé. Racismo.

**ABSTRACT:** The term “mob” have meanings that include the feeling of hatred. Engaged within imperialism and admitted as a by-product of the bourgeoisie, the “mob” had the pretension of power that aspired to abandon democracy. In the Arendtian perspective, the alliance of capital with the “mob” is seen as something that brings up the problem of racism. It is important to address the racist dimension of movements driven by the mob. Hence, the relevance that anti-Semitism had in the face of the opposition of the “mob” and the role it played in the rise of the totalitarian movement.

**Key words:** Imperialism. Mob. Racism.

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Podemos dizer que, na maioria das vezes, o entendimento de ralé na nossa língua portuguesa se refere às classes mais baixas<sup>2</sup>, que compõem a pirâmide social de um país, tornando-se, dessa maneira, difícil de compreender que se trata de grupo de pessoas constituídas de forma não organizada e ao mesmo tempo apresentando características de violência. Contudo, mesmo em nossa língua de raízes ibéricas, semelhantemente à língua inglesa, respectivamente, os termos “ralé” ou *mob*<sup>3</sup> possuem significados que incluem o sentimento de ódio.

Na perspectiva arendtiana, o papel da ralé [*mob*] se desenvolve por meio de manifestações em torno do antissemitismo e do reforço ao crescimento do movimento totalitário. Por essa razão, explicitaremos, nas linhas que se seguem, em um primeiro momento, a relevância que o

---

<sup>1</sup> Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e professor do Departamento de Filosofia e Métodos da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). *E-mail* = [jlos@ufsj.edu.br](mailto:jlos@ufsj.edu.br)

<sup>2</sup> Ver obra de Jessé Souza: *A ralé brasileira*. São Paulo: Contracorrente, 2018.

<sup>3</sup> É relevante destacar que procuramos, todas as vezes que citamos a palavra ralé no texto, termos o cuidado de, logo em seguida, registrar também a palavra *mob*, utilizada por Arendt na obra original *The Origins of Totalitarianism*. New York: Schocken Books, 2004. Na tradução brasileira mais utilizada de *Origens do Totalitarismo* (1989), elaborada por Roberto Raposo, concebe-se o termo “ralé” para designar o que Arendt, na sua obra original, denomina *mob*. No conhecido *Dicionário de Cambridge*, a palavra *mob* significa um grande grupo de pessoas, que é, muitas vezes, violento ou não organizado; é também compreendida como turba ou multidão. Na língua portuguesa, trivialmente, o termo “ralé” representa, de maneira veemente, as classes mais baixas da população. O *Dicionário do Aurélio* expressa que “ralé” é: classe social mais baixa, gente de baixa condição moral, cultural, social, qualquer animal em que a ave de rapina costuma fazer presa, raça e espécie. O mesmo dicionário também dá a essa palavra os significados de energia, disposição, vontade e sentimento de ódio.

antisemitismo teve diante da oposição da “ralé” [mob]. Em seguida, demonstraremos o papel desempenhado pela “ralé” [mob] na ascensão do movimento totalitário.

## O PROBLEMA DO RACISMO

A aliança do capital<sup>4</sup> com a “ralé” é vista por Arendt<sup>5</sup> como algo que traz à tona o problema do racismo. Nessa investida, a autora lança mão da filosofia de Hobbes transportando-a para o campo das modernas doutrinas raciais. Nesses termos, tais doutrinas servem não apenas para incitar as massas, em sua faceta totalitária, bem como contribuem para definir, de maneira clara, o tipo de organização por meio da qual a humanidade conduz o processo incessante de acúmulo de capital e de poder, que pode levar ao seu fim lógico pautado na autodestruição.

Na perspectiva assumida por Arendt<sup>6</sup>, Hobbes teria fornecido ao pensamento político condições de pré-requisitos capazes de fundamentar as doutrinas de cunhos raciais. Ou seja, o pensador inglês concordava com a exclusão, em princípio, da concepção de que a humanidade se constituía como o único conceito regulador da lei de caráter internacional. Daí, supunha-se que a política de nível estrangeiro não se pautava no contrato humano e deveria se empenhar na guerra perpétua de todos contra todos, baseando-se na lei do “estado natural”. O que se verifica nessa apropriação arendtiana de Hobbes é que se trata de alguém que propicia o melhor fundamento teórico possível, o qual diz respeito a todas as ideologias naturalistas, que enxergam as nações como meras tribos, as quais se apresentam de formas separadas uma das outras por natureza. Essa separação impede qualquer tipo de conexão e também ignora a solidariedade humana, restando a todos somente uma vivência, que possui em comum o instinto de autoconservação, a exemplo do comportamento dos animais. Nas palavras de Arendt:

Se a ideia de humanidade, cujo símbolo mais convincente é a origem mais comum da espécie humana, já não é válida, então nada é mais plausível que uma teoria que afirme que as raças vermelha, amarela e negra descendem de macacos diferentes dos que originaram a raça branca, e que todas as raças foram predestinadas pela natureza a guerrearem umas contra as outras até que desapareçam da face da terra<sup>7</sup>.

---

<sup>4</sup> A ascensão política da burguesia assumida por Arendt é analisada por Adriano Correia (2007, p. 30-31) da seguinte maneira: “Hannah Arendt nota que o evento mais importante na Europa no período imperialista foi a ascensão política da burguesia – a primeira classe na história a obter supremacia econômica sem pretender poder político. Para ela, o declínio do Estado-nação durante o século XIX se deveu em grande parte ao fato de ele não poder, por sua própria natureza, atender aos anseios burgueses por expansão ilimitada. O imperialismo surgiu quando a burguesia insurgiu-se contra as limitações nacionais à sua expansão econômica e passou a sustentar que a expansão é o objetivo supremo e permanente da política. Como a estrutura política, ao contrário da econômica, não pode se expandir indefinidamente, o Estado, baseado de um modo ou de outro no consentimento genuíno da nação, operou como um obstáculo às pretensões burguesas de hegemonia. Instaurou-se então uma disputa pelo poder entre a burguesia e o Estado, cujo resultado foi a destruição do Estado-nação”.

<sup>5</sup> ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. Tradução Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 187.

<sup>6</sup> *Ibidem*.

<sup>7</sup> *Ibidem*.

Percebe-se que, no momento em que se inaugura certo desprezo pela convicção de que a humanidade se funda na origem comum da espécie humana, surgem teorias assentadas na crença de que as raças, em suas diferenças, possuem origens também diferentes e, por essa razão, podem tornar admissível a instauração da guerra entre elas. Nesse aspecto, abre-se espaço para se justificar o acúmulo de poder de um povo sobre o outro.

Na ótica de Arendt (1989), se nos pautarmos na concepção de que somos dominados pela crença hobbesiana de infundável acúmulo de poder, o resultado é que, uma vez organizada, a “ralé” [mob] conduzirá, de modo inevitável, à transformação de nações em raças, pois se considera que numa sociedade acumuladora já não existe elo capaz de unir indivíduos. A condição de pertencimento a uma determinada raça passa a justificar a acumulação de poder diante de um quadro no qual os homens seguem perdendo todos os tipos de conexão com seus semelhantes.

Evidencia-se, a partir das análises arendtianas, que existe uma associação entre a “ralé” [mob] e o racismo, que, do ponto de vista político, pôde contribuir com a ascensão dos movimentos totalitários, os quais influenciaram o poder político no século XX. Para os nossos propósitos, é importante tratar da dimensão racista dos movimentos impulsionados pela ralé. Para tal, temos no horizonte as manifestações de cunho antisemitas.

### A “RALÉ” [MOB] E SUAS MANIFESTAÇÕES ANTISSEMITAS

A “ralé” [mob] foi um movimento<sup>8</sup> nascido no seio do imperialismo e diz respeito a um fenômeno político relevante para se compreender o que Hannah Arendt concebe acerca desse grupo de pessoas, que influenciou os rumos da política na Europa, sobretudo nos acontecimentos do final do século XIX e do século XX marcados pelo antisemitismo. É por esse motivo que havia na “ralé” [mob] um tipo de comportamento agressivo em relação àqueles que esse grupo considerava na condição de inimigo a exemplo dos judeus. A agressividade era uma das características da “ralé” [mob], que chegou a tomar de assalto as lojas de judeus e até mesmo a agredi-los nas ruas<sup>9</sup>.

Arendt ressalta que, diferentemente de se lidar com o povo em geral, a “ralé” [mob] francesa se familiarizou com a alta sociedade e com os políticos da Terceira República daquele país. Essa relação foi marcada por sentimentos de admiração e medo. Diante da violência intensa e verdadeira

---

<sup>8</sup> Referindo-se ao entendimento arendtiano sobre ralé, diz o jurista Pedro Serrano (2016, *online*): “Todo governo autoritário se apoia numa base social. Não foi diferente na nossa ditadura e o modelo que eu vou usar para explicar quem são essas pessoas está baseado em Hannah Arendt a partir de um livro em que a autora pretende entender o surgimento do nazismo na Alemanha. E, nesse ponto, divirjo da professora Marilena Chauí, que defende que é a classe média a base do autoritarismo. Eu prefiro a ideia da Hannah Arendt, que fala de uma – a palavra é ruim – ralé. E ralé não do ponto de vista mais comum, o pobretão, nem do ponto de vista do Jessé de Souza, do IPEA, que seria o lumpesinato. Arendt chama de ralé uma sobra, um excesso, que há em todas as classes sociais. Ricos, classes médias, pobres. A ralé não cabe no conceito de classe econômica de Marx, porque ela existe em todas as classes”.

<sup>9</sup> ARENDT, Hannah. *op. cit.*, 1989, p. 129.

cometida pela “ralé [mob], a sociedade assumia uma linguagem, que parecia uma inócua brincadeira de criança<sup>10</sup>. Havia uma combinação de interesses entre as classes superiores e a “ralé” [mob], pois “as classes superiores sabiam que a ralé era a carne da sua própria carne, e o sangue de seu próprio sangue”<sup>11</sup>.

Tomando os judeus como alvos de suas manifestações de violência, a “ralé” [mob] francesa se destacou pelas suas investidas no conhecido e controverso caso Dreyfus<sup>12</sup>. O tão falado *L'affaire Dreyfus* é lembrado por Arendt<sup>13</sup> como um acontecimento que ocorreu na França no fim de 1894. Alfred Dreyfus era um oficial judeu pertencente ao Estado-maior francês, que foi acusado e condenado por espionagem a favor da Alemanha. O veredito foi a deportação de Dreyfus para cumprimento de prisão perpétua em um local denominado Ilha do Diabo. O julgamento desse oficial judeu aconteceu de portas fechadas. No dossiê de acusação, a motivação principal encontrava-se no conteúdo de uma carta, supostamente escrita por Dreyfus, endereçada ao adido militar alemão Schwartzkoppen. Dreyfus, em 1906, foi absolvido e tão logo foi submetido a uma nova condenação. Inocentado em 1908, o oficial foi agredido na rua e o Tribunal de Paris absolveu o agressor sob alegação de que discordava da decisão que havia inocentado Dreyfus. As abordagens de Arendt acerca do antissemitismo em território francês<sup>14</sup> possuem no *L'affaire Dreyfus* um dos exemplos mais proeminentes, o que demonstra a participação da “ralé” [mob] nesse episódio sombrio. Ou seja:

Ao descrever – referindo-se ao caso Dreyfus – o antissemitismo como um importante conceito político, Bernamos está com a razão no tocante à ralé. Havia sido experimentada anteriormente em Berlim e em Viena, por Ahlwardt e Stoecker, por Schoenerer e Lueger, mas em lugar nenhum sua eficácia foi demonstrada mais claramente do que na França<sup>15</sup>.

Assim, Arendt apresenta o conceito político do antissemitismo como um dos elementos que movia os anseios de violência da “ralé” [mob]. Aos olhos da “ralé” [mob], em termos arendtianos, não era possível que houvesse alguma dúvida de que os judeus foram escolhidos para representar tudo que era considerado de detestável. Mesmo que a “ralé” [mob] não estivesse interessada a ter somente os judeus como alvo de sua violência, eles estavam, em primeiro lugar,

---

<sup>10</sup> Ibidem.

<sup>11</sup> ARENDT, Hannah. op. cit., 1989, p. 130.

<sup>12</sup> Para Arendt (1989, p. 113): “Enquanto o caso Dreyfus em seu amplo aspecto político pertenceu ao século XX, o processo Dreyfus e os vários julgamentos do capitão judeu Alfred Dreyfus são bem típicos do século XIX, quando se seguiam com tanto interesse os processos legais, porque cada instância tentava testar a maior conquista do século, que era a completa imparcialidade da justiça. É peculiar daquele período que um erro judicial pudesse despertar tais paixões políticas e inspirar uma sucessão tão infundável de julgamentos e revisões, para não mencionar os duelos e lutas corporais. A doutrina da igualdade perante a lei estava ainda tão firmemente implantada na consciência do mundo civilizado que um único erro da justiça era capaz de provocar a indignação pública, de Moscou a Nova York”.

<sup>13</sup> ARENDT, Hannah. op. cit., 1989, p. 111-112.

<sup>14</sup> Sobre o cenário francês e os reflexos no mundo no que diz respeito do coro da ralé, apoiando-se em Emile Duclaux, lembra Arendt (1989, p. 131): “Neste drama representado diante de todo um povo, e tão explorado pela imprensa que todo o país terminou por nele participar, vemos o coro e o anticoro da antiga tragédia, bradando um contra o outro. A cena é a França e o teatro é o mundo”.

<sup>15</sup> ARENDT, Hannah. op. cit., 1989, p. 130.

entre as suas vítimas favoritas<sup>16</sup>. Por essa razão, Arendt (1989) recorre a um importante documento do mundo contemporâneo intitulado “Memorial Henry” e cita algumas soluções que esse documento propunha para a questão judaica:

Os judeus deviam ser despedaçados como Marsias na lenda grega; Reinach devia ser jogado vivo num caldeirão de água fervente; os judeus deviam ser cozidos em óleo ou furados com agulha até morrerem, deviam ser ‘circuncidados até o pescoço’. Um grupo de oficiais revelou-se muito impaciente de experimentar um novo tipo de canhão nos 100 mil judeus do país<sup>17</sup>.

Percebe-se o quanto o sentimento de ódio expelido pela “ralé” [mob] se faz em direção aos judeus. Isto é, o ódio expresso pela ralé se manifestava de maneira seletiva, pelo qual se atribuída aos judeus a fonte de vários males. Dessa forma, torna-se fácil compreender as razões que nortearam o processo que envolve o *L'affaire Dreyfus*. A “ralé” [mob] europeia via os judeus, os maçons e os jesuítas como pivôs da política mundial. Esses três grupos<sup>18</sup> eram acusados de conspirarem pelo domínio do mundo. No caso dos judeus, havia a acusação de que eles formavam a “Judá Secreta”, que, a partir da efetivação do Congresso Sionista (1897), elaboraram o núcleo de uma conspiração mundial judaica<sup>19</sup>.

No contexto do antissemitismo francês, que se traduziu via *L'affaire Dreyfus*, aparece em cena o ator político Clemenceau, que chefiava um grupo de republicanos. O papel significativo de Clemenceau, nesse caso, encontra-se no fato de ele, em um dado momento, ter se convencido de que Dreyfus era inocente da acusação a ele direcionada, o que, conseqüentemente, alimentava a concepção de que a república francesa estava em perigo. Na luta pela libertação de Dreyfus, Clemenceau conseguiu conquistar a adesão de alguns escritores, a saber: Zola, Anatole France, Emile Duclaux, o historiador Gabriel Monod e Lucien Herr, bibliotecário da Ecole Normale. A liderança de Clemenceau conseguiu acrescentar, em sua órbita de lutas, o pequeno círculo de jovens intelectuais, que, mais tarde, iriam fazer história por meio das chamadas *Cabiers de la Quinzaine*<sup>20</sup>.

---

<sup>16</sup> Ibidem.

<sup>17</sup> Ibidem.

<sup>18</sup> Arendt (1989, p. 130-131) salienta: “É falso que qualquer um desses grupos realmente constituísse uma sociedade secreta propensa a dominar o mundo por meio de uma gigantesca conspiração. Contudo, é verdade que sua influência, por mais abstrata que fosse, era exercida além da esfera formal da política, e operava em grande escala nos corredores, nos bastidores e no confessionário. Desde a Revolução Francesa, esses três grupos têm dividido a honra duvidosa de serem, aos olhos da ralé europeia, o pivô da política mundial. Durante a crise de Dreyfus, cada um deles pode explorar essa noção popular, jogando sobre o outro a acusação de conspirar pelo domínio do mundo”.

<sup>19</sup> ARENDT, Hannah. op. cit., 1989, p. 131; Sobre o antissemitismo detectado por Arendt, aponta Celso Lafer (2003, p. 134-135): “Hannah Arendt detecta no antissemitismo uma antecipação de dois meios de ação de que se valeu o totalitarismo no poder: (1) o conceito de *inimigo objetivo*, pois uma das notas do antissemitismo é o ataque, não a um judeu, mas aos judeus em geral, independentemente das atitudes e das ações dos judeus-indivíduos; e (II) o uso da *mentira*, que desfigura ideologicamente os fatos para ajustá-los às necessidades do poder no momento em que estigmatiza os ‘inimigos objetivos’ – como é o caso dos *Protocolos dos Sábios de Sião* – uma conhecida falsificação elaborada pela polícia secreta da Rússia Czarista no século XIX, imputando aos judeus um projeto de dominação mundial”.

<sup>20</sup> ARENDT, Hannah. op. cit., 1989, p. 132.

Arendt<sup>21</sup> adverte que o antissemitismo ganhou terreno durante os três anos que se seguiram à prisão de Dreyfus, considerando que, até então, Clemenceau não havia iniciado a sua campanha de libertação do oficial judeu. Mesmo que a imprensa antijudaica tivesse uma circulação semelhante à dos grandes jornais, nesses três anos após a prisão de Dreyfus, as ruas demonstraram que permaneciam calmas. Mas essa calma das ruas deixou de existir

quando Clemenceau começou a publicar seus artigos em *L' Aurore*, quando Zola publicou *J' accuse* e quando o tribunal de Rennes iniciou inabilmente a série de julgamentos e revisões, que a ralé entrou em ação. Cada lance dos partidários de Dreyfus (que se sabiam em minoria) era seguido de perturbação mais ou menos violenta nas ruas<sup>22</sup>.

Percebe-se que a fúria da “ralé” [*mob*] se manifesta no momento quando esse grupo fica diante daqueles que deles discordam. Nesse caso, os partidários de Dreyfus se tornam o alvo dessa fúria. O antissemitismo embrenhado na sociedade francesa de fins do século XIX possui agora um movimento capaz de demonstrar a força do seu grito de morte aos judeus. Trata-se de um fenômeno que varreu o país. As manifestações escritas em defesa da libertação de Dreyfus foram a principal fonte, para que houvesse, naquele momento, a explosão do movimento da “ralé” [*mob*]. Ou seja: “Na verdade, em toda parte, explodiram tumultos antissemitas, invariavelmente atribuíveis à mesma fonte. A indignação popular espoucava em todo canto, ao mesmo dia e exatamente à mesma hora”<sup>23</sup>.

Em meio a essas explosões de violência protagonizadas pela “ralé” [*mob*], motivadas originalmente pelo *L'affaire Dreyfus*, Arendt<sup>24</sup> lembra que Clemenceau atestou que os trabalhadores de Paris não se importavam com o caso. Para os vários elementos da burguesia, a situação pouco afetava seus interesses. Portanto, abriu-se um caminho “com o consentimento do povo”, pois estava acontecendo, segundo Clemenceau, a proclamação da falência da democracia.

Podemos dizer que os abalos que a democracia passou a sentir devido às movimentações da “ralé” [*mob*] iriam, certamente, contribuir para o fortalecimento e a ascensão do movimento totalitário do século XX. É por esse motivo que se justifica explicitar o papel desempenhado pela “ralé” [*mob*] no âmbito do movimento totalitário, uma vez que tal movimento se constitui um elemento relevante do pensamento político contemporâneo capitaneado por Arendt.

## O PAPEL DA “RALÉ” [*MOB*] NO ÂMBITO DO MOVIMENTO TOTALITÁRIO

A “ralé” [*mob*], anunciada por Arendt e que no século XIX constituiu-se fator de contribuição para a efetivação da expansão imperialista, se apresenta também como elemento fundamental para criar condições para o advento e a consolidação do movimento totalitário do século XX. Tal movimento provocou certa atração sobre os elementos da “ralé” [*mob*] da sociedade

<sup>21</sup> Ibid., p. 133.

<sup>22</sup> Ibidem.

<sup>23</sup> Ibidem.

<sup>24</sup> Ibid., p. 135-136.

a ponto de garantir que os seus líderes, bem como os governantes totalitários, apresentassem traços característicos<sup>25</sup> dessa porção da população<sup>26</sup>. Arendt salienta: “Esses homens sentiam-se atraídos pelo pronunciado ativismo dos movimentos totalitários, pela curiosa e aparentemente contraditória insistência no primado simultâneo da ação pura e da força irresistível da necessidade”<sup>27</sup>.

Esse ativismo se desenvolveu até mesmo no que tange à preferência pelo terrorismo. Isto é, a ralé se sentiu atraída por um tipo de terrorismo, que se configurava numa espécie de filosofia, na qual era possível demonstrar a expressão de formas de frustração, ressentimento e ódio. Ou seja, era um terrorismo alicerçado numa espécie de expressionismo político e que seus atores estavam atentos à publicidade provocada por seus feitos estrondosos. Nesse caso, as bombas são apresentadas como formas de linguagem. Tratava-se de um tipo de terrorismo, que estava de maneira absoluta, disposto a pagar com a vida, assentando-se no fato de tentar buscar impingir às ditas camadas normais da sociedade o reconhecimento da existência de alguém. Nessa perspectiva, o que a “ralé” [mob] buscava era obter o acesso à história, porque se almejava um tipo de reconhecimento, que não se importava com o preço da destruição<sup>28</sup>.

Para Arendt<sup>29</sup>, a “ralé” [mob], como dizia Goebbels, se posicionava dentro da alusão de que a maior felicidade que o homem deveria exprimir se encontrava no desejo em ser um gênio ou mesmo servir a um gênio. A “ralé” [mob] demonstrava o seu fascínio pelo “radiante poder da fama”. No final do século XIX e na primeira metade do século XX, havia um clima sob o qual a “ralé” [mob] estava situada, e essa conjuntura se revela por meio de uma atmosfera, que se configurava como se todos os valores e proposições tradicionais tivessem evaporados. Assim, era mais fácil aceitar proposições que aos nossos olhos eram consideradas absurdas do que aderir às antigas verdades, que haviam sido transformadas em banalidades. Na vivência da atmosfera que se instalou não se esperava que fosse possível que alguém levasse a sério esses absurdos. O que se torna perceptível é que, diante da banalização dos absurdos, abriu-se um caminho pelo qual a “ralé” [mob] poderia admitir ser controlada por líderes, que não enxergavam a presença desses absurdos nos princípios inerentes ao totalitarismo. Não era por acaso que a “ralé” [mob] se tornava propícia a se

---

<sup>25</sup> Sobre esses traços característicos dos líderes da ralé, pontua Arendt (1989, p. 377): “Quando a falsa respeitabilidade cedeu ao desespero da anarquia, esse colapso pareceu oferecer a primeira grande oportunidade tanto para a elite quanto para a ralé e, obviamente, para os novos líderes das massas. Suas carreiras lembram a dos primeiros líderes da ralé: fracasso na vida profissional e social, perversão e desastre na vida privada. O fato de que as suas vidas, antes do seu ingresso na carreira política, haviam sido um fracasso – ingenuamente apontado em seu detrimento pelos líderes mais respeitáveis dos velhos partidos – era o ponto alto da sua atração para as massas. Parecia demonstrar que, individualmente, eles encarnavam o destino da massa do seu tempo e que o desejo de tudo sacrificarem pelo movimento, a devoção por aqueles que haviam sofrido alguma catástrofe, a determinação de jamais cederem à tentação da segurança da vida normal e o desprezo pela respeitabilidade eram perfeitamente sinceros e não apenas inspirados por ambições passageiras”.

<sup>26</sup> ARENDT, Hannah. op. cit., 1989, p. 376.

<sup>27</sup> Ibid., p. 381.

<sup>28</sup> Ibid., p. 381-382.

<sup>29</sup> Ibid., p. 382, p. 384.

submeter ao poder de líderes, que estavam à frente de movimentos de caráter totalitário. Tais líderes nutriam a pretensão de tomar posse do homem como um todo, a saber:

Nessa pretensão de totalidade, os líderes da ralé dos movimentos totalitários formulavam a sua ideologia invertendo apenas a própria filosofia política da burguesia. A classe burguesa, tendo aberto caminho para si por meio da pressão social e, frequentemente, através de chantagem econômica contra instituições políticas, sempre acreditara que os órgãos públicos oficiais do poder fossem dirigidos por seus próprios interesses e influxos secretos. Nesse sentido, a filosofia política da burguesia era sempre ‘totalitária’, supunha sempre que política, economia e sociedade fossem uma coisa só, na qual as instituições políticas serviam apenas de fachada para os interesses privados. O duplo padrão da burguesia, sua distinção entre a vida pública e a vida pessoal, era uma concessão ao Estado nacional que havia desesperadamente tentado manter separadas as duas esferas<sup>30</sup>.

Em termos arendtianos, a “ralé [mob]” acreditava que suas pretensões de poder seriam seguidas pelas massas. Desse modo, supunha-se que, mais cedo ou mais tarde, a maioria dos povos europeus seguiria esse mesmo rumo no sentido de considerarem que estariam prontos para efetivar a revolução. Ao admitir que a “ralé” [mob] esperasse galgar o poder por meio do apoio de massas impotentes, o que se buscava era a ajuda dessas massas para que a “ralé” [mob] promovesse os seus interesses de caráter privados. Admitida como um submundo da classe burguesa, a “ralé” [mob] pretendia substituir as camadas mais antigas da sociedade burguesa com o objetivo de introduzir nelas o espírito mais dinâmico desse submundo<sup>31</sup>. Dessa maneira, a pretensão de poder aspirada pela “ralé” [mob] implicava o abandono da democracia. A esse respeito, afirma Daner Hornich:

Acompanhando o pensamento da Hannah Arendt, podemos perceber que a questão chave para o entendimento da ralé é a composição do refugo de todas as classes e ‘subproduto da burguesia’ destituída de princípios e com um gosto apurado para o cinismo anárquico e a criminalidade do submundo e do vício, e não o povo como um todo ou uma classe trabalhadora apartada do ‘povo comum’ como sugeriram os nazistas e até deixaram de perceber os historiadores pessimistas. Contudo, os historiadores pessimistas entenderam que a ‘democracia’ poderia se transformar num ‘despotismo’, no qual o tirano poderia aparecer com o apoio da ralé<sup>32</sup>.

Mas, para Arendt<sup>33</sup>, se, por um lado, a “ralé” [mob] teve um importante papel no fortalecimento do movimento totalitário, por outro, ao assumir o poder, o totalitarismo se sentiu ameaçado pela capacidade de iniciativa dessas camadas. Devido a esse sentimento de ameaça, as análises arendtianas caminham no sentido de fazer justiça àqueles que se deixaram arrastar por esses movimentos totalitários. Bastava os movimentos totalitários alcançarem o poder que todo um grupo de simpatizantes era descartado. Acreditava-se que o poder de iniciativa típico do comportamento da “ralé” [mob] podia ameaçar o domínio total do homem. Ou seja:

---

<sup>30</sup> Ibid., p. 386.

<sup>31</sup> Ibid., p. 387.

<sup>32</sup> HORNICH, Daner. A Gênese da Política Imperialista: “A aliança entre a ralé e o capital” e “o pecado original do acúmulo original de capital” na perspectiva de Hannah Arendt. *Revista Dialectus*, Ano 4, n. 10, p. 248-264, jan./jul. 2017, p. 262.

<sup>33</sup> ARENDT, Hannah. op. cit., 1989, p. 387-388.

O domínio total não permite a livre iniciativa em qualquer campo de ação, nem qualquer atividade que não seja inteiramente previsível. O totalitarismo no poder invariavelmente substitui todo talento, quaisquer que sejam as suas simpatias, pelos loucos e insensatos, cuja falta de inteligência e criatividade é ainda a melhor garantia de lealdade<sup>34</sup>.

Depreende-se que os movimentos totalitários, no momento em que ascendiam ao poder, tornavam-se incapazes de conviver com elementos da “ralé” [mob], que possuíam a capacidade de se mobilizar contra o poder constituído, pois camadas da sociedade que se apresentam como portadores da capacidade de tomar iniciativas não se incluem na moldura do domínio totalitário, que, por sua vez, necessitam para se manterem fortalecidos no poder do suporte da lealdade, cuja característica é mais comum em pessoas com falta de inteligência e criatividade. A criatividade comum em pessoas com capacidade de iniciativa, característica típica da “ralé” [mob], serviu para exaltar o movimento totalitário, porém já não se enquadrava mais no âmbito do domínio total do poder alcançado. Não é por menos o alerta de que “sempre que os movimentos totalitários tomavam o poder, todo esse grupo de simpatizantes era descartado antes mesmo que o regime passasse a cometer os seus piores crimes”<sup>35</sup>.

Nesse sentido, temos o totalitarismo efetivando o ato de devorar os seus próprios filhos. Os mecanismos de pressão social assumidos pela “ralé” [mob] só seriam preservados caso ela se abdicasse de se opor ao regime, que, devido à sua natureza totalitária pautada na lealdade, não admite oposições.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A gênese da “ralé” [mob] ocorreu no interior do imperialismo e sua ação efetivou-se nas manifestações antissemitas e no fortalecimento dos movimentos totalitários. Nesse sentido, engendrada no interior do imperialismo e admitida como subproduto da burguesia, a “ralé” [mob] se apresenta na condição de conceito relevante para se compreenderem as diversas tópicos do campo da filosofia política contemporânea.

Considerando Arendt umas das principais personagens, cuja contribuição para o desenvolvimento do processo que envolve a história da filosofia política contemporânea é bastante plausível, evidencia-se que, ao abordar o conceito de “ralé” [mob], a autora oferece um produto de investigação capaz de iluminar os diversos campos das manifestações políticas, que ocorrem em todos os espaços da nossa casa comum<sup>36</sup>. Essa casa comum onde habitamos e a denominamos Terra possui na pluralidade a sua lei<sup>37</sup>.

---

<sup>34</sup> Ibid., p. 389.

<sup>35</sup> Ibidem.

<sup>36</sup> A expressão casa comum é usada pelo papa Francisco. Sobre isso, ver Carta Encíclica *Laudato Si*, 2015.

<sup>37</sup> Sobre a pluralidade como lei da Terra, ver *The life of the mind*, 1981.

**REFERÊNCIAS**

ARENDT, Hannah. *The life of the mind*. San Diego: A Harvest Book, 1981.

\_\_\_\_\_. *Origens do Totalitarismo*. Tradução Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

\_\_\_\_\_. *The Origins of Totalitarianism*. New York: Schocken Books, 2004.

CORREIA, *Hannah Arendt*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2007.

FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Laudato Si*. Vaticano: Tipografia Vaticana, 2015.

HORNICH, Daner. A Gênese da Política Imperialista: “A aliança entre a ralé e o capital” e “o pecado original do acúmulo original de capital” na perspectiva de Hannah Arendt. *Revista Dialectus*, Ano 4, n. 10, p. 248-264, jan./jul. 2017.

LAFER, Celso. *Hannah Arendt: Pensamento, Persuasão e Poder*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

SERRANO, Pedro. Democracia sob Ataque. Entrevista concedida a Elisa Marconi e Francisco Bicudo. *Revista Giz*, 14 de abril de 2016. Disponível em: <<http://revistagiz.sinprosp.org.br/?p=6461>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

SOUZA, Jessé. *A ralé brasileira*. São Paulo: Contracorrente, 2018.